

## THE PERIPHERAL MODERN URBANISM <sup>i</sup>

Milton Santos

Sou muito sensível à delicadeza do convite formulado pelos organizadores desta reunião. E que me foi estendido por Frederico Holanda, para estar aqui presente.

Devo dizer que assumo — ou assomo — esta tribuna com grande e justificável medo. É tão difícil — primeiro — quando se pretende ser epistemólogo, ter uma linguagem que interesse imediatamente ou mecanicamente a epistemólogos de outras áreas e — segundo — é tão difícil falar de coisas que realmente pensa a um público internacional, já que os conceitos dificilmente atravessam as fronteiras. Há fronteira entre a geografia, ou geógrafos — melhor dizer assim — e os urbanistas, que constitui um desafio trazer alguma coisa que possa ser de algum interesse. Quem sabe essa fronteira a palmilhar juntos seja a própria cidade ... talvez, mais que a cidade, o urbano.

O que me pedem para fazer pode à primeira vista parecer que é uma futurologia. Na verdade, é muito menos do que isso e muito mais do que isso, já que o que me pedem para conversar aqui é sobre o futuro. E o fim do século XX afinal permite que o tratamento das utopias possa ser feito de forma científica — o velho sonho dos pensadores e dos homens de ciência — na medida que este fim do século XX aparece como uma grande tábua de salvação para os que pensam, já que, pela primeira vez na história do homem, temos diante de nós a ideia e o fato da universalidade empírica, isto é, é a primeira vez na história do homem, por conseguinte a primeira vez também na história do pensamento, em que o mundo se dá em todos os lugares na sua plenitude das coisas conhecidas — ou não — das relações conhecidas — ou não — como um sistema de dados empíricos, alguns dos quais tomados aqui ou ali para produzir a história dita concreta, enquanto outros jazem fora desta história concreta, mas prontos como coisa empírica concreta verdadeira para produzir uma nova história concreta. Então, a discussão do futuro se torna possível. Então, a ideia de utopia não pode mais ser chamada de vã. Então passa a ser nosso dever, em primeiro lugar, o dever de sermos, primeiro que tudo, utópicos, já que o trabalho do intelectual só o é verdadeiramente na medida em que ele se debruça, primeiro, sobre o interesse das maiorias, e, segundo, sobre o futuro possível. Que será esse futuro urbano? Que será \_\_\_\_\_ a possibilidade concreta de funcionalizar o nosso ainda não realizado? Como, na mente, reunir os elementos retirados da realidade já feita, ou, da realidade por fazer-se, os materiais com os quais esse futuro se tomará realidade? Começo lembrando aquela frase de Jean Jacques Rousseau, quando, a propósito das cidades, dizia ele: “A cidade não são as coisas. A cidade são as coisas mais as pessoas”. A cidade é, sobretudo, esse trabalho vivo tornado, afinal, trabalho universal sobre o trabalho morto que de universal também tem a cara ... esse trabalho morto que é significado, valorizado pelo trabalho vivo ... esse trabalho que permite a operação

intelectual indispensável de tornar socialmente significativa a coisa morta — a paisagem — através da vida que lhe atribui a ação do homem. E este fim de século nos vem mostrar, mais do que outros séculos e milênios poderiam havê-lo feito, que a história se dá a partir desses dois polos: o polo da técnica e o polo da política. Eu digo isso exatamente para poder conversar com os urbanistas que são os homens e mulheres que trabalham com as coisas e que imaginam que as coisas podem comandar a política, quando, se queremos que as coisas signifiquem socialmente, temos que concebê-las, as coisas, como algo que é produzido pela política. Creio ser uma discussão indispensável na vida de todos os que trabalham os espaços. mas que é, sobretudo, indispensável na casa dos urbanistas, estes homens do espaço que trabalham muito mais com as coisas do que com as ações na sua consciência, porque, aparentemente trabalham com as ações já feitas e imaginam que essas ações defuntas podem ter eficácia sobre a vida.

Haveria que, para continuar o argumento, trazer, ainda que muito breve — e peço desculpas por fazê-lo, já que imagino que é do conhecimento total, apenas para marcar alguns dos traços que estão em filigrana em tudo que vou dizer e, por isso mesmo, não serão repetidos ao longo dessas outras folhas — algo sobre o que caracteriza, principalmente hoje, esses dois pilares da história do homem: a técnica e a política.

A técnica, o sistema técnico que nos rodeia, e que de alguma maneira é o nosso quadro de vida, é uma técnica altamente cientificizada, plena de artificiosidade, plena de intencionalidade, fortemente sistêmica e invasora. E a política, essa que rege as nossas vidas, essa que decide a forma como a técnica impõe-nos o destino. A política se caracteriza hoje por ser tão tecnicizada e cientificizada quanto a técnica, mas é uma política que tende a ser privatizante, que tende a ser antirrepublicana, que tende a ser anti-cidadã e, — isso é importante de dizer quando se fala de urbanismo, de *urbis*, — que tende a ser controlada pelas empresas, ao ponto que os estados, sobretudo os estados dos países mais pobres ou empobrecidos politicamente, veem as empresas governarem mais do que os governos.

E ao conjunto desses dois fatores, que faz com que a grande cidade — sobretudo a grande cidade hoje — seja afinal a realização concreta do que, nos anos 70, se chamou de socialização capitalista ... essa socialização capitalista, sem a qual não se entende nem o urbanismo, nem o trabalho dos urbanistas frente à cidade e aos cidadãos. Essa socialização capitalista ... ela tem as suas pedras de toque em alguns dados dos quais vou falar rapidamente, o primeiro dos quais é esse apetite pela competitividade manifestado pelas grandes empresas. A competitividade, todo mundo sabe, é a concorrência exercida sem compaixão. E essa competitividade é criadora. Ela exige a necessidade de criação de fluidez potencial, que, aliás, é um dos guias do urbanismo contemporâneo e que pode vir a ser cada vez mais guia do urbanismo do futuro, se o sistema político atualmente vigente continuar. Essa fluidez potencial, que é um dos aspectos marcantes do mundo atual com reflexo imediato sobre a cidade e o urbano — porque a partir da fluidez potencial ... a criação da fluidez potencial que permitirá as empresas tomarem-se mais fluídas no

espaço urbano e no espaço em geral —, que leva à necessidade de explosão do novo, de exacerbação do novo. Mas agora, graças às virtudes do sistema técnico, e um novo que é hipertélico, isto é, de um novo que se cria com uma pletora de intencionalidade, intencionalidade adaptada às necessidades de fluidez dessas mesmas grandes empresas, cada vez menos numerosas no elenco das empresas, cada vez mais dominantes na cena urbana nacional e internacional, com repercussões extremamente grandes e graves sobre a vida urbana, sobre as reconstruções urbanas, em suma, sobre o urbanismo atual, sobretudo nas regiões chamadas ... perdão ... nas regiões subdesenvolvidas. E é isso que vem como consequência. Essa chamada renovação traz como consequência exatamente o envelhecimento prematuro da cidade, já que eu quando renovo — a partir de um partido urbanístico hipertélico, isto é, pletórico de intencionalidade — uma parte da cidade, paralelamente estou envelhecendo todo o resto da cidade. E o resto da cidade, que raramente é teatro do interesse do urbanismo, se torna cada vez mais distante no tempo da vida econômica — não do tempo do relógio ou do calendário — mas no tempo da vida econômica, mais distante e mais velho e menos eficaz que aquela parcela da cidade necessária à vida enriquecida dessas grandes empresas.

Esse envelhecimento prematuro da cidade, esse envelhecimento precoce dos objetos urbanos ... dizer que a chamada renovação urbana, seja qual for o seu nome, é, pela mesma ocasião, ela é um instrumento de envelhecimento da cidade como um todo. E isto tem como resultado — um de seus resultados — a agravação, dentro da cidade, dos contrastes funcionais e das diferenças de valor, seja qual for a acepção que dermos à palavra valor, e traz como resultado seguinte uma corrida para uma renovação, isto é, a necessidade de renovar se dá de maneira muito mais premente, muito mais forte do que antes e se aumenta a possibilidade de um crescimento urbano ainda mais conflitivo e sem controle social. A velocidade sempre foi portadora de diferenças e essas diferenças são, dentro das cidades, tanto maiores quanto aumenta a distância entre o novo e o velho. E, todavia, só o novo é objeto de encorajamento, só o novo é objeto de favores. E o máximo que se faz pelo velho é pedir-lhe que se renove ou que se adapte, o que traz como resultado uma evolução caótica, ainda mais rápida do que antes, compatível com a velocidade própria ao neoliberalismo. Agravam-se as diferenças e mesmo as oposições entre os usuários do novo e os usuários do velho, o que é que vale a uma verdadeira revolução dos valores urbanos, essa ampliação da diferença entre agentes urbanos, firmas, pessoas e instituições.

No Terceiro Mundo — eu prefiro essa expressão à expressão “país periférico”. Não vou cometer o ridículo de considerar que 5 bilhões de pessoas são periféricas em relação àquele pequeno milhão do mundo chamado ocidental — o Terceiro Mundo conhece a partir da evolução desse quadro evolutivo, uma série de consequências que eu vou também alinhar rapidamente: a primeira é que a cidade se toma um lugar onde a variedade e os níveis da atividade e da riqueza são mais numerosos. Segundo, aumentam as diferenças individuais, incluindo as diferenças de oportunidade.

Há também, no Terceiro Mundo, um fator urbanístico de grande peso, que é a ausência ou precariedade da cidadania. A cidadania é um dado central na compreensão do destino urbano. A cidadania é um dado central no entendimento de porque tal ou qual partido urbanístico foi adotado. A cidadania é uma pedra de toque da forma como as cidades podem evoluir. Eu insisto nesse particular porque creio que não é um tema que esteja sendo suficientemente tratado. O é, certamente, mas de forma residual, quando seria algo extremamente importante para distinguir as formas e os conteúdos urbanos de regiões como as do mundo subdesenvolvido e das regiões dos países como da Europa, onde a noção de cidadania, ainda que fortemente desgastada com as investidas neoliberais, ainda persiste. E sobretudo a exacerbação da tendência das grandes cidades a atrair pobre, porque o campo se moderniza expulsando pobres, que vêm para cidade, que é o único lugar susceptível de fornecer atividades aos pobres, guardar os pobres ... a cidade como depósito de pobres, de produzir os pobres ... a cidade, pela sua organização, como capaz de ser uma fábrica de pobres. É isto que faz com que cada novo tijolo, cada tijolo novo sobretudo ... nas circunstâncias atuais ... constitua uma peça da crise urbana, o motor da crise urbana.

O Urbanismo Renovador produz mais problemas do que resolve.

Nisso tudo temos de ver qual o papel atual das grandes empresas e dos bancos internacionais sobre os partidos de urbanismo e sobre a produção urbana. Esse é um dado extremamente importante ... o de verificar, de um lado, como os bancos internacionais interferem na vida urbana, sobretudo das cidades maiores dos países subdesenvolvidos, mas também [verificar] como as empresas, na medida que se localizam e exigem um certo tipo de consumo do espaço, levam a uma certa funcionalidade do espaço, exigindo do Poder Público uma adaptação às necessidades delas, grandes empresas, ... uma distorção que no Brasil facilmente se verifica da arquitetura territorial da nação como um todo, mas de cada uma de suas frações, a começar pela cidade, resultado da ação das grandes empresas, que têm necessidades próprias de espaço no mundo sequioso de fluidez e no mundo onde a produção é cada vez mais dependente das condições oferecidas pelo espaço.

Vejam como a problemática da cidade e do urbanismo se complica, neste fim do século XX, para os países subdesenvolvidos. Essas grandes empresas, esses grandes bancos internacionais ... os bancos internacionais que escolhem os investimentos que querem fazer, que pagam os estudos que legitimam esses empreendimentos, que divulgam as ideias tendentes a esta forma de renovação, que constroem ao mesmo tempo a nova cidade, e a nova ideologia urbana ... essas grandes empresas que interferem sobre a Renovação Urbana, mas também interferem sobre o cotidiano urbano. As cidades são tão grandes que a solução dita racional dos problemas — a energia, a água, o transporte, o lixo, os serviços em geral — [é solicitada] a essas muito grandes empresas, [que são] aconselhadas, aliás, às municipalidades e às nações, a tomarem a sua

colaboração, pelos bancos internacionais, encarregados de “ajudar” a solução da problemática urbana.

Vejam, por exemplo, os diversos contratos passados pelo BID, já para não falar do Banco Mundial, com as municipalidades brasileiras e latino-americanos em geral.

Isso se dá também porque dentro de cada país — como todos sabemos o Brasil é, talvez, o melhor exemplo disso — as câmaras legislativas, por exemplo, o Senado da República, por exemplo, a Câmara Federal de Deputados, governam menos que o Banco Central. O Banco Central dispõe, dá as condições de responder com rapidez às demandas que são tão mutantes no tempo curto ditado pelo interesse das grandes empresas internacionais e a nação passa a ser conduzida naquilo que tem de mais importante ... e a legislação que interessa à reorganização do território e da cidade passa a ser de forma direta e indireta conduzida muito mais pelo Banco Central, por uma postura elaborada do dia para a noite, ou da noite para o dia, do que pelas decisões, consideradas lentas, do Senado da República ou da Câmara dos Deputados.

Eu não posso discutir a questão urbanística nem a questão urbana se eu omitir este fato, que é um fato novo, mas verdadeiro, da história do mundo, [e até] mais da história de cada lugar. Isso indica que é hora de retomarmos o debate. Isso indica que não basta trazermos palavras de indignação para adicionar a formulações que perderam vigência. Isso indica que teremos de ter a coragem que só os intelectuais podem ter, isto é, a coragem de esquecer, porque sem esquecer não se renova nada e sobretudo as ideias. As ideias são um fruto do esquecimento. E é a razão por que as escolas acadêmicas são frequentemente um estorvo ao progresso das ideias, já que as escolas são, via de regra, lugares intelectuais onde a repetição é preferida à inovação, onde o papel carbono passa a ter um papel mais importante que a descoberta, onde a conciliação passa a ter um papel mais decisivo do que o debate.

Esse debate tem que começar, talvez, por esse conjunto de ideias que nos vem do século XIX e que na faculdade conhecemos pelo nome “marxismo”. Todos sabemos que o marxismo não foi criado a partir do território, mas todos sabemos também que território, pela sua realização, pelo que ele é, pela forma como ele se estrutura, pela forma como ele evolui, é o melhor lugar filosófico para fazer avançar as teses marxistas que se tomaram indispensáveis na medida em que só existe capitalismo. A “morte” do socialismo, morte entre aspas evidentemente, a vitória do capitalismo, significa, como todos sabemos, o triunfo, atual ou próximo, do marxismo.

Ora, que fazer hoje com as ideias como as noções de capital geral e capital particular? O capital particular que nos conduz a apreciar a parcela técnica da produção. Mas [é] o capital geral que nos obriga a pensar na parcela política da produção que é global. Quer dizer que, quando nós pensamos, seja São Paulo, seja a mais bonita das cidades pequenas do interior do Brasil, Birigui, terra de Ana Fernandes, é o mundo que é a nossa referência, o mundo no seu funcionamento. Mas isso nos leva à abstração, coisa que nos aborrece com frequência, porque nos pedem

resoluções concretas, como se isso jamais houvesse existido. [E] a noção de valor — valor de uso e valor de troca — aplicada com tanta abundância nos estudos urbanos, quando nós sabemos hoje que o valor de troca precede o valor de uso nas condições de globalização atual e não o contrário, como nós aprendemos e mesmo ensinamos?

[E] a noção de mais valia absoluta e mais valia relativa, que também exige uma outra interpretação? E tudo isso está ligado à produção da cidade ou, como se dizia antigamente, à produção e reprodução da cidade, porque um bom marxista jamais usava a palavra “produção” sem acrescentar “reprodução”, mesmo sem saber o que estava falando. Mas [está ligado], sobretudo à questão da desvalorização dos capitais não hegemônicos e, sobretudo, à questão da desvalorização do trabalho dentro da cidade, sem o que não entendemos o que é a cidade.

É essa nova concepção orgânica do território que dá um papel tão importante ao trabalho técnico ou científico informacional e que desloca a centralidade das preocupações do setor secundário para o setor terciário, coisa que relutamos a aceitar, sobretudo no Brasil, porque a Universidade hegemônica do pensamento urbano do país está situada numa cidade que se imaginou até recentemente locomotiva pelo fato de ser a capital industrial, e levou 25 anos para descobrir que não era isso, mas que continuava sendo locomotiva por ser capital relacional de serviços.

Eu creio que o papel das grandes empresas, as empresas gigantes, a relação que elas têm com o governo — na realidade com o não-governo — são dados da crise urbana que às vezes nós enfrentamos através de uma visão puramente instrumental, o que é muito pouco. Essa ingovernabilidade das cidades que estamos assistindo, paralelamente à ingovernabilidade dos países. A América Latina é um continente que está sendo ingovernável, o que aponta para a substituição do sistema neoliberal e da globalização, nas suas condições atuais, por outra coisa.

A cidade sendo exatamente esse lugar que representa a mudança que a sociedade passa a exigir, já que está se dando, de novo, com outros contornos, aquilo que economistas como Mont Cretien(?) ou William Pecci(?) sugeriram existir no seu tempo, quando escreveram que deveríamos prestar atenção ao conteúdo político explosivo das cidades injustas. Cidades injustas, isto é, aquelas onde o cidadão não é supremo.

No Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina, a cidade é o meio de trabalho para a população ativa, a cidade é o meio de existência para a maioria das pessoas. É tudo isso que, repito, conduz ao deslocamento do papel revelador do futuro fornecido pelos terciários, todos os terciários, tanto os terciários novíssimos, quanto os terciários banais ou primitivos.

Mas isso também aponta para nós e o nosso trabalho — nosso trabalho é o trabalho de pensar, aponta para o fato de que a cidade nesta passagem de século, é duplamente crítica. Ela é crítica pela vida que dentro dela se leva, mas ela é, sobretudo, crítica, e é isso que nos deve interessar

em primeiro lugar, pelo fato de que a cidade aponta para as disfunções do sistema político-econômico no qual vivemos. E, ao mesmo tempo, isso aparece como um alerta, porque a cidade se torna altamente crítica num mundo tendente a ser altamente acrítico, o que amplia a dimensão do nosso dever como pensadores da cidade [e] o nosso dever nessa idealização de cidade do futuro ... essa tarefa hercúlea. Espero que os urbanistas aceitem que outros especialistas os ajudem nessa tarefa. Às vezes há a impressão de que não desejam ajuda. O caso brasileiro me parece exemplar desse quase monopólio do pensar e do agir dentro da cidade que os urbanistas ainda detêm. Eu penso que isso é uma pena, porque isso reduz a possibilidade de uma visão que seja mais ampla do que a visão dos objetos e das coisas, que o \_\_\_\_\_ já condenava, e dá às ações um papel secundário ou residual.

Urbanismo é a arte cientificamente fundada, às vezes, de dispor coisas, de arrumar coisas. Mas nós necessitamos não apenas de uma prática cega, mas de uma teoria que reúne coisas e ações, isto é, que reúna técnica e política. E é aí que aparece o papel das ideias, dessa imaginação urbanológica e não apenas urbanística, sem a qual não haverá salvação no pensamento para a cidade e dificilmente haverá salvação na prática urbana.

Imagino que diante desta proposta temos que ficar alertas contra o perigo de desqualificação do debate. Por exemplo, a partir da recusa da noção de futuro acoimado de visão inconsistente do porvir, mas também a partir do refúgio \_\_\_\_\_.

Um exemplo está na distinção entre a noção de paisagem e da noção de espaço. Evidente que essa é uma herança que em grande parte é devida aos geógrafos, a geografia europeia, que durante esse século, todo esse século, cometeu esse terrível equívoco de assimilar a ideia de espaço à ideia de paisagem, o que nela própria, a geografia, e nas disciplinas a elas paralelas, trouxe como resultado a dificuldade de entender o processo da ação, atribuindo à materialidade, virtudes que ela não pode ter. Eu creio que é hora, exatamente, de fazer funcionar essa imaginação sociológica, perdão, urbanológica, esse salto do urbanismo à urbanologia, urbanologia da qual o urbanismo será sempre uma parcela importante. Hoje temos dificuldades para fazer isso, porque as outras disciplinas do urbano de alguma forma se eclipsaram em favor do urbanismo: a geografia urbana se eclipsou de alguma maneira; sociologia urbana perdeu ímpeto; a antropologia urbana reduziu o seu campo de ação. E, ao contrário, houve de um lado a ascensão de práticas intelectuais que dão à materialidade pura a prerrogativa de ação: estudo de transportes, espaços públicos, etc. E também [por outro lado] das práticas intelectuais descomprometidas com a importância da realidade material: estudos que imaginam enfrentar a questão urbana apenas através da cultura, das ideias de identidade, do imaginário. É preciso ultrapassar essa etapa na qual se mantém uma visão separada dos processos, por naturezas parciais do todo urbano, o que não é fácil porque vivemos um momento da história no qual está fortemente presente em tudo um sentimento de urgência, produzido por um mundo veloz e apressado e que também desaconselha estudos demorados e práticas totalizantes, de tal forma que até mesmo

administrações progressistas desistem de procurar remédios progressistas. Não é surpreendente encontrar municipalidades dirigidas por prefeitos progressistas adotando políticas neoliberais.

Creio que é urgente ... estou seguro de que os urbanistas trarão a sua contribuição formidável porque, sobretudo, são homens a quem jamais faltou essa imaginação que reclamo, para que rapidamente alcancemos um urbanismo cidadão e não um urbanismo das empresas: um planejamento cidadão e não o planejamento que beneficia e interessa a uma parte apenas das populações.

Agradeço mais uma vez a Frederico. Agradeço a Comissão Organizadora pela enorme distinção que me trouxeram, fazendo-me um dos oradores deste *meeting*.

---

<sup>i</sup> Comunicação de Milton Santos na sexta [Conferência Internacional do Docomomo](#), em Brasília, em setembro de 2000. Título conforme o texto original.